

LUTAMOS CONTRA
TODAS AS FORMAS DE
TIRANIA, DE EXPLORA-
ÇÃO E DE OBSCURAN-
TISMO — E EM PROL DE
LIBERDADE E BEM-ESTAR
PARA TODOS.

O Libertário

SOLUÇÃO IMEDIATA DA CRISE PELA GESTÃO DIRETA

O País atravessa, evidentemente, um dos períodos mais convulsivos de sua história. E dessa conjuntura resulta uma situação de perturbação geral da vida coletiva em todos os seus aspectos: econômico-financeiro, político-social, em todos os setores da administração pública e das demais atividades em suas múltiplas modalidades, com reflexos negativos e corruptores na vivência da população e de cada cidadão.

O pior de tudo isso é que as consequências calamitosas resultantes desse desequilíbrio social da sociedade brasileira recaem de maneira direta, como um rolo compressor, justamente sobre o elemento que movimenta a atividade produtiva do País, isto é, o povo trabalhador.

Apresentam como elementos responsáveis por esse descabro a sujeição ao imperialismo, a inflação, os açambarcadores, o contrabando etc., além das chamadas "forças ocultas"...

O certo, entretanto, é que todos esses males, bem como os demais que atormentam o povo brasileiro, caracterizando a situação de desasossego, de penúria e até da miséria imperante, são oriundos da organização capitalista que, por meio desse polvo estrangulador que é o Estado, domina a sociedade baseada na exploração do homem pelo homem.

Fica, assim suficientemente demonstrada, através do estonteante desenrolar dos acontecimentos, não haver possibilidade de se conseguirem soluções para os problemas preponderantes da vida de hoje dentro das normas estruturais da organização social vigente.

E é esse aspecto perturbante da conjuntura de nossos dias que fez surgir no panorama da vida moderna o decantado problema das reformas de base.

Pode-se, conseqüentemente, interpretar esse fato como uma comprovação da incapacidade administrativa da organização social dominante, que não podendo executar, de maneira efetiva, os problemas de base, vai tangenciando a situação com medidas de efeitos ilusórios quando não negativos — como as organizações controladoras de preços das utilidades e cuja atividade se tem caracterizado por resultados exatamente opostos às suas pecúpias finalidades, prejudicando a população ao invés de beneficiá-la.

Em face disso, a classe trabalhadora — a mais diretamente atingida pela crise — procura pelo menos atenuar as consequências da apavorante carestia do que é indispensável à subsistência — cujos preços sobem incessantemente em proporções assustadoras — lançando-se em periódicos movimentos grevistas, reclamando aumento de salários.

Mas, acontece que os aumentos conseguidos são absorvidos e até ultrapassados pelos aumentos dos preços das mercadorias que os trabalhadores devem comprar. Dessa forma, os capitalistas nada concedem, nada perdem, colocando os trabalhadores num perturbador círculo vicioso.

Chega-se ao absurdo social de se verem organizações proletárias na amesquinha, uma contingência não somente de tolerarem, como até de admitirem como medida tornada normal que empresas patronais consigam consentimento para aumentarem as tarifas de serviços públicos como cobertura para os aumentos salariais! Apresentam-se ainda casos de empresas de serviços públicos facilitarem a promoção de greves para poderem aumentar as suas tarifas, aumentos esses sempre superiores aos que concordam fazer nos salários!

Chega-se a conclusão dolorosa de ser o povo trabalhador o mais diretamente sacrificado pelas consequências dos movimentos de suas justas reclamações, pois o patronato, os empregadores, o capitalismo jamais são prejudicados, visto como contam com a injusta estrutura da sociedade atual para se resarcirem das migalhas que são forçados a conceder pela pressão do proletariado.

Senão, vejamos. Se os trabalhadores das atividades de produtos de consumo forçado conseguem aumentos de salário por meio de greves e esse aumento provoca o aumento dos preços das utilidades, quem custeia o aumento? Como já ficou demonstrado, são os próprios trabalhadores, pois os patrões conseguem sempre reaver o que concedem forçadamente. Há mais. Quando, em consequência das greves resulta a falta de produtos no mercado, o prejudicado é o povo trabalhador, pois os empregadores, com os recursos de que dispõem, sempre conseguem abastecer-se suficientemente.

Se os trabalhadores das empresas de transportes fazem greve, quem é atingido pela paralisação dos veículos? O povo trabalhador, que fica sem condução para comparecer ao trabalho e para outras exigências de suas atividades. Os capitalistas não são prejudicados ou o são muito relativamente, visto disporem de condução própria.

Há, ainda outra anomalia que perturba o mercado das utilidades de consumo forçado, determinado a elevação de seu custo mediante uma tão odiosa manobra, em que trabalhadores aparecem injustamente envolvidos como co-responsáveis na prática desse crime praticado contra os interesses da população.

Trata-se de uma criminosa atuação com finalidades altistas praticadas pelos açambarcadores que, para conseguirem aumentar os preços das mercadorias, deixam-nas amontoadas, em barracões escusos, depositadas em locais de embarques e ocultando-as em esconderijos, de maneira a não poderem ser encontradas em casos de buscas.

Com isso, conseguem a elevação do custo das mercadorias, depois do que as vão lançando no mercado, conseguindo grandes lucros à custa do sacrifício do povo.

Como essa manobra é feita na base da sonegação das mercadorias, que desaparecem do mercado e passam a ser escondidas, chegam a admitir a connivência de trabalhadores nessa manobra. Baseia-se essa conclusão na alegação de que não são os capitalistas, os patrões que pessoalmente, acondicionam, transportam e metem em esconderijos as mercadorias para poderem ser sonegadas, mas sim trabalhadores, que procedem dessa forma em obediência às ordens dos empregadores, que as incluem na rotina de suas determinações.

Pode-se concluir, em face de tão confrangedora, mas, infelizmente, objetiva exposição da atual conjuntura proletária, que os trabalhadores devem aceitá-la como uma circunstância inevitável, como uma contingência inerente à sua condição de assalariados, insatisfeitos mas inativos, admitindo não haver possibilidade de ser modificada essa situação injusta, odiosa e revoltante?

Seria absurda a resposta afirmativa. Não se pode admitir nem sequer em hipótese semelhante conclusão, porque isso corresponderia a negar os bríos da classe proletária e suas tradições reivindicadoras de seus direitos vilipendiados.

Sim, porque é justamente o contrário que a situação exige, isto é, que se tornem mais objetivos os movimentos reivindicatórios de seus legítimos direitos de produtores de tudo quanto atende às necessidades do abastecimento da população, da qual são componentes.

Nessa luta não pode, de forma alguma, ser desprezado o fato concreto, inegável, de que os trabalhadores fazem parte integrante da população e que, portanto, logicamente, em suas reivindicações devem ter sempre em conta que a melhoria de suas condições não pode ser conseguida em detrimento das condições da população, prejudicando-a e prejudicando-se igualmente. E isso é verificado quando com os aumentos de salários se determina a elevação dos preços das utilidades.

Perguntar-se-á como se poderá solucionar essa situação, e, o que é mais importante, qual a atividade, a atuação dos trabalhadores em tão grave conjuntura, visto que estão diretamente envolvidos, exigindo seu pronunciamento?

E aos próprios trabalhadores, ao proletariado, que cabe a resposta expondo as medidas a serem postas em prática objetivando a solução dessa crise criada pela assustadora carestia da vida.

Mas poderão os trabalhadores intervir de maneira eficiente e produtiva em tão complexa situação?

A observação dos fatos autoriza a admitir que sim. São os trabalhadores que tudo movimentam. Sem a atividade proletária tudo se paralizaria em todos os ambientes da vida social.

Isso não está sendo constantemente evidenciado, provado como fato inegável nos periódicos movimentos grevistas, que paralizam as atividades em todos os setores da produção e de outros âmbitos da vida social?

Certamente que sim. E por que meio? Pelo uso do recurso mais positivo, do meio de luta proletária capaz de produzir resultados produtivos nos movimentos reivindicadores de melhoria de situação da classe trabalhadora — a ação direta.

É pela ação direta que os trabalhadores vêm conseguindo todas as conquistas que já melhoraram um pouco o seu nível de vida, firmando certos direitos até a pouco ignorados e negados, vários dos quais já figuram em lei.

São os trabalhadores que diretamente devem estabelecer as medidas necessárias e agir no sentido de serem executadas sem queixas lamuriantes e pedidas aos que se encontram nos altos escalões da sociedade e que só se mexem sob o imperativo da ação direta.

É aos trabalhadores que cabe estabelecer as soluções e lutas para serem executadas.

Entretanto, como parte integrante que somos do movimento de libertação social, julgamos que nos será permitido mencionar certas soluções que os próprios acontecimentos indicam.

Mas o que se poderá indicar como recurso de luta além dos movimentos grevistas, com a paralisação do trabalho para forçar o patronato a conceder um pouco do todo que detem dos direitos dos que trabalham?

Há um método mais objetivo, mais eficiente e produtivo — a gestão direta, ou melhor, a gestão dos centros de produção e de todas as demais atividades pelos próprios trabalhadores.

Nos meios de transporte, por exemplo: associarem os interesses dos trabalhadores aos dos usuários de maneira que, como membros que são, uns e outros da população, organizarem e fazerem funcionar os serviços de forma a que todos se beneficiem.

No caso da sonegação das mercadorias negarem-se os trabalhadores, com o amparo da organização sindical a executar as manobras dos açambarcadores, denunciando-os ao povo pelo movimento proletário.

Quanto ao problema do abastecimento de gêneros de primeira necessidade, seria conseguida a solução adotando-se o método cooperativista. Poderia criar uma vasta rede de cooperativas, interessando os consumidores e os produtores, produtores diretos e não os que fazem da produção meio de conseguirem agios, lucros, com o fim de acumular fortunas à custa da exploração do povo.

Cada organização sindical criará uma cooperativa e o seu conjunto formaria uma confederação cooperativa, reunindo as dos produtores, e que organizaria entrepostos cooperativos de cidades, encarregando-se da distribuição às cooperativas sindicais, que por sua vez abasteceriam os seus associados.

Por esse processo, estendido a todas as atividades, desapareceriam os intermediários, os açambarcadores, os falsificadores dos produtos, todos aqueles que vivem explorando, enriquecem e corrompem o meio social com prejuízo dos produtores e dos consumidores.

Será isso difícil de ser conseguido? Não. Depende apenas de ação, ação direta, que é a única produtiva.

Além do mais, seria um salutar, educativo e orientador exercício para uma experiência de novo sistema de convivência social, baseado no mútuo apoio, objetivando uma solução que proporcione bem-estar e liberdade a todos e a cada um dos membros da coletividade produtora.

EDGARD LEUENROTH

Em Prol de "O Libertário"

O custo da impressão do jornal vem aumentando de tal forma, que cada exemplar fica agora em Cr\$ 50,00, apenas para cobrir a despesa da tipografia!

E, como já está suficientemente sabido, "O Libertário" é mantido unicamente pelas contribuições voluntárias de seus amigos e das assinaturas.

Pelas relações regularmente publicadas, pode-se verificar que os contribuidores, em sua maioria, são sempre os mesmos esforçados militantes.

E há muita gente que recebe o jornal desde o início de sua publicação que ainda não pagaram suas assinaturas nem mandaram contribuições. Julgamo-nos autorizados a atribuir essa anomalia a uma certa deslincença, pois são generalizadas as manifestações de apoio em favor do jornal.

Lançamos, por isso, um caloroso apelo a todos os que recebem o jornal para que cooperem conosco no sentido de se conseguir publicar este jornal — que é de todos — com a

regularidade que a excepcional situação que estamos vivendo exige.

Como não temos cobradores, torna-se necessário que cada qual remeta a importância de sua assinatura, ou alguma contribuição voluntária. O jornal precisa sair mensalmente, e é preciso que todos compreendem que não possuímos outros meios de atender às suas despesas, limitadas à tipografia e à expedição, sinão as contribuições daqueles que sentem a necessidade de que "O Libertário" seja publicado.

Todos vão atender, não é verdade? Certamente que vão, pois a publicação de "O Libertário" é hoje, mais do que nunca, uma necessidade da propaganda libertária.

Maldição da Guerra

A guerra é estúpida; a guerra é cruel; a guerra é suja e criminosa. É matança coletiva de irmãos, é incompatível com a dignidade humana e torna-se anacrônica e inaceitável neste século chamado das luzes.

A guerra a nada conduz. Nas guerras, como nos pleitos, perdem os que ganham e os que perdem. Temos o exemplo lamentável das duas últimas guerras européias nas quais os vencedores saíram tão prejudicados como os vencidos. Um pedaço de terra ganha em uma guerra perde-se em outra; e as vidas ceifadas não se repõem, entretanto, nem o dinheiro

gasto, nem as dores das mães e a miséria espantosa das povoações.

A guerra é a entronização da barbárie: a anteposição da força ao direito, do instinto à razão: dos sentimentos ferozes à sensibilidade e delicadeza espiritual.

É na escola e no lar que deve principiar a nossa guerra à guerra, falando às crianças das vigílias e sacrifícios dos sábios e dos artistas em vez de falar-lhe dos feitos heróicos dos militares.

É na escola e no lar onde deve começar a nossa propaganda pacifista,

(Cont. na pág. 2)

A CIDADE MONSTRO E A COMUNA-LIVRE

A cidade-monstro, a cidade grande, é uma das deformações sociais causadas pelo regime capitalista. É onde se concentram o grande comércio e grandes indústrias, em torno dos quais, gira toda a sua vida. Nela não inúmeros os que, sem grande esforço, vivem, parasitariamente, do produto do trabalho alheio, dificultando, ainda mais, a vida de todos. É ambiente propício à ociosidade e a toda a sorte de deformação moral. Obriga todos os que trabalham e os que estudam, a grandes deslocamentos diários, sem um mínimo de conforto, o que lhes determina grande desgaste físico e, muitas vezes, concorre para o relaxamento moral, pela sequência de situações deprimentes a que os expõe e que têm de suportar durante esse processo. Na cidade-monstro, o estado de irritabilidade e impaciência é, quase, condição normal! Os que podem fugir a ela a cada fim de semana ou quando se apresentam dias seguidos de folga.

Na comuna-livre (vários ensaios nos permitem afirmar) nenhum desses fatores negativos para a perfectibilidade da pessoa humana se verificam. A vida é calma, agradável, digna de viver. Quase tudo é ali, quase tudo está ali. O trabalho torna-se exercício salutar, o contacto com a natureza é normal. Como tudo está ao alcance de todos, podem os comunistas beneficiar-se de todas as conquistas da ciência e técnica modernas.

A indústria em oficinas gigantescas é a consequência da necessidade capitalista, de produção em grande escala, para grandes lucros. Produz aproveitando a necessidade! Não produz pela necessidade! Produção pela obtenção de grandes lucros!

Na comuna-livre, a indústria produz para a necessidade. Não são necessárias oficinas gigantescas, para onde, em forma de massa, criaturas humanas, automatizadas, fluem de manhã, e de onde, refluem à tarde, num fluir e refluir de rebanho que não condiz com a dignidade da pessoa humana.

Para a adaptação à vida anárquica, para a sua transformação em comunas-livres, a cidade-monstro deverá ser dividida em várias regiões, aproveitando-se o que for digno de aproveitamento, demolindo-se o que se puder demolir, a fim de destinar o espaço desocupado, para o que se tornará necessário ao novo estágio de civilização.

Cumpra não esquecer que não são poucas as atividades que irão desaparecer por indústrias, deixando livres os seus locais — quantos deles confortabilíssimos! — que poderão ser hospitais, laboratórios, escolas, creches, centros culturais e artísticos. Muitos dos mais modestos oferecerão ainda condições de moradia bem mais confortáveis do que as casas em que tantos são forçados a viver por falta de meios.

Seraphim Porto

CENTRO DE ESTUDOS PROF. JOSÉ OITICICA

Fundado a 7 de março de 1958, no Rio de Janeiro, por um grupo de militantes libertários que sentiam a necessidade de que o movimento libertário tivesse atuação pública, foi, por isso, resolvido dar-lhe organização legal. Iniciando, então, suas atividades como tribuna livre franqueada à exposição de todas as idéias de progresso humano e social, o Centro de Estudos Professor José Oiticica prossegue na sua trajetória inicialmente determinada.

Nestes cinco anos de existência, inúmeros foram os obstáculos que tiveram de ser transpostos para que se pudesse consolidar definitivamente a obra inicial. É suficiente assinalar como índice das dificuldades desse período, que se chegou a promover uma assembleia geral para decidir se a sua obra seria realmente útil e se valia o esforço dispendido em sua manutenção, visto se terem retirado alguns dos fundadores, sobrecarregando os encargos dos que permaneceram em atividade. Essa assembleia tornou-se memorável, merecendo destaque seu registro no livro de atas do Centro. Nela foi resolvido por unanimidade a decisão de levar à iniciativa, que desde então tomou novo impulso, prosperando animadamente.

Essas atividades estão assim organizadas:

- Atividades Recreativas** — Realização de excursões e piquiniques;
- Clube de Cinema** — Projeção de filmes de real valor científico e cultural na sede do Centro à Av. Almirante Barroso, 6 — Sala 1101 — Rio de Janeiro — Guanabara.
- Biblioteca** — Organizada a biblioteca para empréstimo e venda de livros;
- Imprensa e Propaganda** — Expedição e distribuição de livros, jornais e revistas;
- Cursos e Conferências** — Realização sistemática de cursos e conferências abertas ao público em geral;
- Atividades financeiras** — Obtenção de recursos afim de enfrentar as despesas decorrentes das atividades mencionadas.

O Centro de Estudos Professor José Oiticica iniciou suas atividades públicas com uma campanha contra a ditadura salazarista, seguida de atos públicos contra o regime reacionário de Franco. Promoveu igualmente comemorações da Revolução Espanhola, com o fim de evidenciar o seu conteúdo social.

Com o mesmo intuito solidarista, participou do movimento em favor do estudante Pardilhos, então nas garras do falangismo franquista.

No desenvolvimento de sua obra cultural, vem promovendo conferências sobre os mais variados temas, pronunciadas por elementos de notável valor em seus campos de atividade. Podemos mencionar os seguintes:

O professor Daniel de Brito realizou uma série de palestras sobre os seguintes temas: "Nacionalismo e Cultura", "Caracterologia", "Análise Crítica da Exposição Soviética"; o professor Roberto das Neves falou sobre a análise do livro de Aquilino Ribeiro "Quando os Lobos Uivam" e "Prós e Contras da Maçonaria"; o militante libertário Manuel Peres desenvolveu o tema "A Realização do Socialismo na Revolução Espanhola". Sob a orientação eficiente do Dr. Newton Ferreira Josetti. Já se realizou uma série de cursos, que todavia continuam, a saber: "O que pode fazer a Psicanálise por Você?", "Estudo sobre as Neuroses", "Análise dos Sonhos segundo Freud", "Análise dos Sonhos segundo Jung". Convm assinalar que todas as aulas desses cursos estão reunidas em cuidadas apostilas, o que permitirá serem publicadas em livros, de notável valor por seu caráter de atualização científica e pela oportunidade dos temas.

Consideramos esses cursos do Centro de Estudos Prof. José Oiticica como uma das mais importantes contribuições à cultura que o movimento libertário poderia oferecer nesta conturbada situação em que vivemos, na busca de soluções para os problemas individuais e sociais.

I. P. EGDIO



A Revolta de Kronstadt

A 3 de março de 1921, sublevaram-se os marinheiros de Kronstadt, porto fortificado da Rússia Européia, que se caracterizava como escola de marinheiros e da marinha. A sublevação foi secundada por boa parte da população do grande porto russo, rebelando-se contra a ditadura bolchevistas e arvorando a bandeira vermelha da Revolução.

O movimento, que teve um caráter profundamente libertário, defendendo o espírito que animava a constituição dos primeiros soviets de soldados e camponeses, foi cruelmente afogado em sangue, destacando-se o exército vermelho dos bolchevistas como fera selvagem na perseguição e aniquilamento dos rebeldes.

Vencidos os heroicos marinheiros de Kronstadt, afogado em sangue seu protesto, condenados à morte e executados os sobreviventes. Kronstadt foi bombardeada e submetida a sua população a uma ferula de ferro.

Os bolchevistas na Ucrânia conhecido com o nome de Macknovichina, começaram depois a destruir-se entre si, iniciando as terríveis "depurações" que deveriam esmagar o próprio Trotsky, um dos verdugos dos heróis de Kronstadt, pois era ele que na ocasião exercia as funções de Comissário do povo para os Negócios da Guerra, dos bochevistas.

Chamamos a atenção dos leitores para o número de Fevereiro Março do ano passado, em que publicamos um histórico sobre os acontecimentos de Kronstadt.

Contra a guerra

A guerra é uma operação pela qual pessoas que se não conhecem são obrigadas a se matarem em proveito de pessoas que se conhecem e não se matam.

ANDRÉ MAUROIS

Centro de Cultura Social de São Paulo

Esta já tradicional organização divulgadora da cultura nos meios populares realizou uma proveitosa sessão, na noite de sábado, 8 de março, em sua sede, à rua Rubino de Oliveira, 85, em São Paulo.

Com boa assistência, o professor Breno De Grado proferiu uma interessante palestra sobre a atual conjuntura da vida social brasileira, examinando-a em seus múltiplos aspectos.

A exposição do prof. Breno causou geral agrado, sendo seguida da participação de vários elementos da assistência, num agradável diálogo com o conferencista.

Entre o governo que faz o mal e o povo que o aceita, existe uma certa e vergonhosa solidariedade.

VICTOR HUGO

☆

A liberdade não deve estar num livro, deve estar no povo e ser posta em prática.

SAINT-JUST

☆

Como pode ser livre o homem cuja existência depende do capricho alheio.

PISACANE

OBJETIVIDADE DO ANARQUISMO

Contrariamente ao que, por ignorância e por excessivo apego ao mito estatista, se imputa ao anarquismo, os aspectos construtivos da transformação social mereceram atenção especial dos teóricos propagandistas e militantes libertários em todos os tempos. Mesmo aqueles que, inspirados por alto idealismo, se manifestaram como os mais otimistas, confiando na espontânea capacidade criadora do povo uma vez libertado de todos os jugos, propuseram meios concretos para encarar os problemas imediatos que surgiriam em um período revolucionário. Quasi todos salientaram a necessidade da maior preparação possível do povo e a conveniência de saber como se deveria proceder durante a mudança social para assegurar seu êxito, ou seu maior avanço.

Para os partidários do Estado, a coisa apresenta-se fácil. Precisamente o culto do poder, a crença messiânica no governo, favorece a tendência do menor esforço, a inércia mental, a hipoteca do próprio destino a certo número de eleitos ou de afortunados conquistadores do poder. O Estado tudo fará. E são seus ideólogos os que mais reclamam "planos" e "programas" concretos aos anarquistas, afirmando a impossibilidade de uma ordem social que não tenha um poder dirigente, não obstante as desgraças

das experiências do estatismo e a evidência de que não se poderá nunca conseguir a verdadeira liberdade mediante órgãos de opressão e de privilégio.

Em verdade, seria oposto ao critério libertário preparar esquemas únicos com a pretensão de aplicá-los universalmente. Ao evidenciar a necessidade de que em cada lugar se devam considerar suas características próprias, aproveitando-se certos organismos existentes e se formem outros novos, para reorganizar a vida sobre bases libertárias, o anarquismo não confunde livre convivência com caos, livre experimentação com sobrevivência de exploração ou de acumulação de privilégios, coordenação imposta pela técnica produtiva com centralização direta dos interessados com governo e burocracia.

Sindicatos, cooperativas, conselhos e comitês de lugares de trabalho, coletividades agropecuárias, federações industriais, municípios, organismos relacionadores e de coordenação que respondem a especialidades e a zonas geográficas, associações populares da mais variada espécie podem formar a mais completa organização social e impulsioná-la para formas cada vez melhores, aperfeiçoando-se de acordo com os resultados da própria experiência.

Fabricantes de Milagres

Lendo no último número de "O Libertário" o artigo de O.S. sobre o fenômeno da ebulição e liquefação do sangue de San Genaro, na Catedral de Nápoles, por associação de idéias, lembrei-me de um singular fato ocorrido há muitos anos na cidade de Florença, Itália, lá por volta de 1908 ou 1909 (não me recordo bem a data), que se relaciona justamente com o teor do assunto tratado no referido artigo. Trata-se do seguinte: Um cidadão de Florença se propôs a arrebatado o segredo da arte dos padres no sentido de pretender obrigar os santos mais cotados a realizarem, de vez em quando, alguns milagres, afim de se prestigiar o espiritualmente e consolidar o poderio da Igreja Católica. Animado, pois, por essa estranha idéia, manifestou logo o desejo de provar como ele também poderia realizar o milagre da liquefação do sangue coagulado, não, naturalmente, o de San Genaro, mas bem assim de outro sangue, de qualquer animal, boi ou galinha, não descurando da tentativa de se apossar do segredo que envolvia tal fenômeno.

Assistindo várias vezes às funções religiosas, inclusive a do milagre da liquefação do sangue que se realizava e ainda se realiza na famosa Catedral de Nápoles, beijando com outros crentes a sagrada relíquia, estudou-lhe metodosamente o feitiço interno e externo, divulgando após, na imprensa socialista, da época, o resultado obtido, que seria o seguinte: que a relíquia de vidro, de forma redonda, e achatada nos lados, apresentava-se oca por dentro, com as duas faces externas tôdas picotadas de imperceptíveis furinhos cónicos, cuja função seria, naturalmente, a de absorver o calor úmido do ambiente, quando na prática dessas solenidades. A relíquia era continuamente agitada pelo padre oficiante em meio de centenas de grossas velas acesas, criando no interior do objeto de vidro uma temperatura própria para fazer derreter o sangue coagulado (certamente com o auxílio de algum reagente químico).

De posse de tal segredo, tratou logo de realizar seu sonho milagreiro,

mandando confeccionar uma relíquia idêntica àquela estudada na Catedral, com a referida ampola cheia de sangue coagulado (se ele também adicionou ao sangue alguma substância química, nada revelou), e mediante prévia comunicação ao povo, num belo dia apareceu na praça pública de Florença, e, parodiando os padres com aparatos encenação de falsos objetos litúrgicos, conseguiu o milagre da liquefação do sangue coagulado perante uma grande e ovacionante massa de espectadores, encantado por tão audaz empreendimento.

E pena que não me possa lembrar da data nem do nome do protagonista dessa singular façanha; apenas posso lembrar, (se não me falha a memória), que se tratava de um engenheiro químico, socialista dos velhos tempos.

Nessa época eu andava peregrinando pela velha Europa em busca de trabalho, que nem sempre aparecia, e quase sempre acossado pela necessidade do dia de amanhã, não me sobrava tempo para colecionar na memória certos fatos com relativos dados. O fato, porém, posso garantir que se verificou, apesar de não ter sido, que eu saiba, registrado em livro de qualquer escritor.

C. V.

Filme do Encontro Libertário

Conforme noticiamos no número anterior de "O Libertário", um dos participantes ao Encontro Libertário, pertencente à caravana da Guanabara, teve o cuidado de filmar todos os aspectos julgados mais interessantes das atividades desenvolvidas nos inolvidáveis três dias de novembro p.p.

Esse filme já foi exibido em uma sessão realizada no Rio de Janeiro, na sede do Centro de Estudos Prof. José Oiticica, estando anunciada outra exibição no Centro de Cultura Social de São Paulo.

Um quadro de Mario Zanini

Mais uma vez o nosso boníssimo amigo Mário Zanini doou-nos um belíssimo quadro, fruto do seu talentoso espírito artístico. A tela representa um azeitado recanto de Suarão, em Itanhaém, cuja autenticidade foi reconhecida por vários companheiros nossos, que conhecem aquela região santista.

Uma adornada tarde, quieta, silenciosa, adornada de plantas vestidas de flores em tom de alegria, e árvores frondosas, irtas, sonolentas como sentinelas cansadas naquela região bucólica, é o que se depreende na primeira impressão do quadro. Quando, porém, se procura o artifice, aparece em toda a sua plenitude o vigor artístico, a força criadora e o talento de Mário Zanini. Através da combinação maravilhosa das tintas e a expressão autêntica e genial das cores, magistralmente trabalhadas pelo

espírito criador do artista, ve-se o traço personalíssimo do nosso querido amigo.

É um trabalho expressivo, que prende e tranquiliza, pois, a paisagem verde quieta e tranqüilidade. Leigo como somos nessa excelsa e milenar arte que os grandes gênios da humanidade criaram, não nos permitimos avançar mais na apreciação da linda tela que acabamos de receber, pois que, nesse setor, a nossa capacidade é limitada.

Mário Zanini vem de receber verdadeira consagração na exposição que fez há bem pouco tempo. Seus quadros mereceram a preferência pública e a sua arte foi motivo de favorável crítica por parte da imprensa da capital.

Ao amigo Mário Zanini, os nossos agradecimentos com votos de novos e grandes triunfos.

PEDRO CATALLO

COMUNIDADE LIBERTARIA DE TRABALHO

Existe em Montevideo, Uruguai, uma comunidade libertária, que se mantém em atividade há bastantes anos, vivendo seus membros uma tentativa de relações anárquicas e dentro da mais perfeita harmonia.

Trata-se de uma experiência de livre convivência, com base no livre acôrdo e na ajuda mútua, como método de orientação no trabalho e da vida coletiva da comunidade.

Iniciou-se com um pequeno núcleo, constituído de alguns casais e alguns elementos solteiros, de afinidades anárquicas, que tentavam assim, resolver não só os próprios problemas economico-sociais mas ainda dar uma demonstração da viabilidade prática do anarquismo.

Como elemento de trabalho e produção, foi montada uma oficina gráfica, ampliada numa tentativa de trabalhos de cerâmica artística, que depois abandonaram por falta de mercado.

O pequeno núcleo inicial foi também aumetado com a adesão de novos elementos.

Para sede social e moradia coletiva, foi alugada uma casa, onde passaram a viver em regime de comunidade, por falta, naturalmente, de meios para a construção de casas individuais, como seria de desejar.

Não se trata de uma modalidade cooperativista, apenas, mas de uma verdadeira forma de viver em convivência anárquica, onde os trabalhos são feitos de comum acôrdo e obedecendo às resoluções tomadas nas assembleias da Comunidade, através das quais se distribuem as funções de cada um, de acôrdo com as suas aptidões e livre escolha. Tudo ali é feito em comum: cozinha, serviços domésticos, educação e criação dos filhos, trabalho e recreação. E, portanto, uma iniciativa já firmada, cujos efeitos para obra do anarquismo são de alto valor moral e social.

A oficina gráfica foi instalada em outro local, funcionando de acôrdo com o sistema comunitário. Com o

desenvolvimento da iniciativa, os locais tornaram-se exíguos, exigindo urgente ampliação.

Essa necessidade tornou-se agora asssobstante, pois devem abandonar a casa da sede, por exigência do proprietário, que a quer utilizar.

Em vista disso, e tendo em vista os resultados que vêm obtendo no sistema de convivência que adotaram, os elementos da comunidade resolveram providenciar no sentido de conseguirem mudar a comunidade para uma sede própria, mais ampla, de maneira a acomodar as residências dos componentes que a integram, a oficina, biblioteca-arquivo e outros elementos de atividade comunitária que atendam, além da sua produção, às suas necessidades intelectuais, artísticas e recreativas.

Com esse proposito já adquiriram o terreno necessário, contando para a execução das obras com a cooperação de vários profissionais da Faculdade de Arquitetura.

Afim de conseguirem fundos para a execução dessa grandiosa obra, que já não é uma experiência mas realidade prática, iniciaram uma ativa campanha de arrecadação de contribuições entre a militância libertária, pois devem liquidar um compromisso de 2.400 dolares (40.000 pesos ouro uruguaios) até o fim do mês vindouro.

Para esse fim, lançam um apelo a todos os que achem útil a simpática iniciativa de livre convivência em que estão empenhados, demonstração prática do socialismo libertário, no sentido de que lhe prestem urgente cooperação.

Fazendo nosso esse apelo, indicamos a seguir os endereços da Comunidade e do comitê organizado em Buenos Aires com a finalidade de arrecadar as importâncias destinadas àquela magnífica instituição libertária.

Talleres Gráficos Comunidad Del Sul — Canelones, 1484 — Montevideo — Uruguai; ou Vicente Francomano — Calle Santander, 408 — Buenos Aires — Argentina

Francisco Abarca

Em agôsto e setembro do ano passado, a polícia francesa, pressionada por Franco, empreendeu uma repressão contra o movimento libertário espanhol exilado na França.

Um jovem antifranquista espanhol, Francisco Abarca, de vinte e quatro anos, se refugiava, então, na Bélgica.



O Carrasco do povo espanhol

Deveria ser detido nesse país no dia 11 de outubro, a pedido de Franco e por intermédio da polícia Suíça, que pede a sua extradição.

Em documento à parte enviamos, a título de informação, um resumo do que foi a Conferência da Imprensa realizada em Bruxelas pelo Comitê de Ação contra o Neocolonialismo e o Fascismo que defende o caso Abarca na Bélgica.

Ajudemos o povo da Bélgica a permanecer fiel às tradições liberais europeias, enviando nossos protestos para que Francisco Abarca não seja extraditado e não corra o perigo de ser posteriormente enviado a Franco.

É preciso impedir que Franco logre estender a repressão contra os antifascistas fóra, incluso, das fronteiras espanholas.

Aliemo-nos aos protestos que o caso despertou nos meios antifascistas, democráticos e socialistas internacionais, e particularmente na Bélgica.

ABARCA NÃO DEVE SER EXTRADITADO!

(Da S.I.A. "Solidariedade Internacional Antifascista")

Encontro Libertário

No número anterior de "O Libertário" (26), registramos minucioso noticiário sobre o Encontro Libertário realizado em São Paulo, nos dias 15, 16 e 17 de Novembro p.p., incluindo também alguns trabalhos nele aprovados.

Ficaram para serem posteriormente divulgados os demais trabalhos examinados e aceitos naquele encontro, referentes ao Centro de Estudos Prof. José Oiticica, do Rio de Janeiro, e o do Centro de Cultura Social, de São Paulo e Nossa Chácara e "O Libertário".



Cena de inúmeros lares brasileiros

OS NOSSOS LIVROS

No momento em que a agitação político-social se debate em sucessivas crises em todo mundo, agravando com isso permanentemente a situação economico-social em que o povo se vê submergir no caos de seus parcos meios de subsistência, tornando-se incerto o dia de amanhã; no momento histórico que vivemos, em que tudo o que se nos apresenta no panorama trágico que o sistema político-econômico vigente nos oferece — é com profunda alegria e contentamento que vemos surgir, dentre a grande quantidade de livros que se editam no País, e com prazer lemos, um que nos dá um pouco de alento, um pouco da renovada esperança de que nem tudo está perdido no mundo da "Santa Utopia"... Esse é o livro que nosso velho amigo Edgard Leuenroth acaba de publicar com o muito acertado título de "ANARQUISMO — Roteiro da Libertação Social".

Não é programa eleitoral: não é estatuto de nova ordem de coisas, nem código de futura sociedade humana em busca do paraíso terrestre. Não! Não é nenhum repertório de promessas messiânicas de salvação de corpos e de almas num futuro remoto, nem promessas de salvação da humanidade para quando transpor as portas do infinito. Tudo isso seria mistificação e de mistificações o mundo está cheio.

O que este livro contém são opiniões, indicações, sugestões de como se poderia viver em coletividade de modo mais condizente com a dignida-

de humana, com suas necessidades sociais supridas pelo auxílio mútuo entre as criaturas, para a satisfação das exigências da própria vida.

É um livro onde se pode buscar uma orientação de como e porquê a humanidade pode e deve abandonar as velhas trilhas que tanto a desgostam e oprimem e que a conduzem irreparavelmente para o abismo, para a destruição.

Para quem não esteja conformado com o presente: para os que têm anseios de liberdade dentro da igualdade e da justiça; para quem se sinta deslocado dentro da sociedade que modela os homens num única meta da vida — chafurdar na lama e pactuar com todas as injustiças e tiranias contanto que possa subir, ganhar muito dinheiro e prestígio para poder tripudiar sobre os que lhe ficam por baixo; quem não concorda com esse estado de coisas e que daria de bom grado sua atividade para algo diferente de tudo que há por aí; de tudo o que já foi experimentado como sistema social, como forma de vida coletiva, enfim: para todas as criaturas humanas que aspiram e gostariam que a vida atual tornasse um rumo diferente, mais humano, — "ANARQUISMO — Roteiro da Libertação Social" é uma fonte de informações, de sugestões, de alvitre e de opiniões expostas com clareza e critério objetivo. É um livro de exposição do valor do anarquismo como formador de caracteres.

RODOLPHO FELIPE

NOSSO CORREIO

Servimo-nos desta seção, como já foi dito, para correspondência que não exige resposta direta e para confirmar o recebimento de cartas ou valores destinados ao jornal, bem como para registrar a confirmação de cartas expedidas.

São Paulo — Isa Ruti: Foi retardada a publicação deste número, em virtude de dificuldades gráficas. Tivemos de dividir os "Pingos d'Agua" em dois números. Saudações.

Sorocaba (SP) — Perdício: Recebidas as duas cartas. Sensibiliza-me a sua atenção. Logo que me seja possível, faremos um "bate-papo" epistolar. Saúde. — Ed.

Aracajú (SE) — J.M.G.: confirmamos as cartas do Germinal e Edgard em resposta ao seu pedido de informações sobre a instituição para crianças excepcionais. Seguiram prospectos informativos. Saudações.

São Paulo — H.R.B.: Cancelamos o endereço do Rio e registramos o de São Paulo. Confirmamos nossa carta. Saudações.

Mar Del Plata (Argentina) — Luis Di Filippo: O companheiro Edgard atenderá ao pedido do material sobre Anita e Garibaldi. Alegramos a informação do aproveitamento do exemplar de "O Libertário" que recebe. Saudações a todos.

Montevideo, Uruguai — Comunidad Del Sur: A iniciativa merece ser apoiada. Farei o que puder. Saud. Edgard.

Santa Bárbara (PR) — L. Agotani: Recebida sua carta e o cheque, cuja importância figura no balancete deste número, na seção Administração de "O Libertário".

Salvador (Baia) — E.J. de A. Santos: Alegrou-nos o recebimento de sua carta de 16 de março, que transpira otimismo e vontade de ação. Um abraço pela fundação da Ação Juvenil Pacifista. Em próximo número divulgaremos informações sobre suas bases. Remeteremos os exemplares solicitados. O companheiro Pedro está convalescendo de séria enfermidade. Escrever-lhe-á. Saudações a todos.

Administração de "O Libertário"

De conformidade com o critério que vimos adotando de trazer os amigos e os leitores em geral de "O Libertário" sempre ao par de sua vida administrativa, publicamos a seguir o balancete correspondente ao período do último número (26) ao 27, que é o presente.

Na parte das despesas não estão incluídas as que corresponderiam ao pagamento de trabalhos que são executados graciosamente por militantes libertários, como uma contribuição ao jornal, entre os quais da redação, revisão, expedição e administração, etc.

Chamamos a atenção dos interessados na publicação do jornal para a nota aparecida em outro lugar sobre a necessidade de serem ativadas as contribuições.

Contribuições recebidas de 9 de Janeiro a 1.º de março de 1964

ENTRADAS

São Paulo — Eurico, 2.000; Gu-	
mercindo, 1.000; Navarro, 500; Rodri-	
gues, 500; Martin, 500; Clarinha Dall'	
Oca, 500; Busquet, 500; Rojo, 500;	
Barrilero, 300; Dias, 300; Felix Gil,	
300; Castro, 200; Perea, 200; Cecilio,	
500; Maria Valverde, 200; Souza	
Passos, 1.000; He. Sa., 200; Antonio	
Padilla, 1.000; J. C. 1.000; Isa Ruti,	
500. — Total	11.700,00
Mogi das Cruzes (SP) — Manuel	
Sanches, 500; Ley Ramires, 1.000;	
Castor Pascual, 1.000; Total	2.500,00
Campinas (SP) — Atilio,	1.000
Santa Barbara (PR) — Idalina e	
Aldino Agotani	1.200,00
Diversos — De livros, 5.200; venda	
de um estojo, 2.600; Avulso, 50;	
Total	7.800,00
Saldo anterior	124.990,00
Total Geral	149.190,00

DESPESAS

Impressão do n.º 26	44.000,00
Selos para expedição	2.000,00
Correspondência	123,00
Condução para a tipografia	210,00
Total das Despesas	46.333,00

CONFRONTO

Total das Contribuições ..	149.190,00
Total das Despesas	46.333,00
Saldo	102.857,00

Pingos d'Agua...

Merece um comentário, embora retardado, a notícia sobre a Semana da Criança, o que foram as festividades pomposas dessa solenidade. A Cruzada Pró-Infância arrecadou considerável soma de donativos para as suas iniciativas, de benemerência, que não passam de um engano, para as crianças pobres.

Criança pobre? por que criança pobre? Esse título mesquinho, com que distinguem as nossas crianças, nos revolta e enche de saturada indignação: Criança pobre!...

Como se não fossem criaturinhas vindas da mesma origem...

oOo

Ao lado da Semana da Criança tivemos, num requinte de futilidade, a Semana do Cão, que se encerrou em compasso com o Salão da Criança. Na mesma sucessão de acontecimentos, ao lado dos sorrisos, temos a registrar as lágrimas dos sem lar, que, numa viatura chamada "Pau de Arara", se dirigiam para o Ceará, na ingrata sina de crianças pobres...

oOo

"O Sr. Caio de Alcantara Machado pensou em franquear entradas para o Salão da Criança, nestes últimos dias, às crianças pobres, porém, lembrando-se do problema que isso acarretaria, pois estas não ter

Atividades da Editôra Mundo Livre

Prosseguindo em suas atividades editoriais, a Cooperativa Editôra Mundo Livre anuncia para o corrente ano o lançamento de duas valiosas obras, verdadeiras joias da literatura libertária: "O Anarquismo e a Ciência Moderna", de Pedro Kropotkine, "O Marxismo Antes e Depois de Marx", de Varlan Tcherkesoff.

A apresentação desses livros será a a melhor possível, em bom papel e artísticas capas, com tiragens maiores do que as das anteriores obras editadas.

Tendo a Editôra Mundo Livre de arcar com grande responsabilidade econômica para essas edições, espera contar com a ajuda de todos os elementos interessados na divulgação do ideal libertário, o que poderá ser feito com o desenvolvimento da venda de obras já editadas e, principalmente, com a inscrição como quotistas da Cooperativa Editôra Mundo Livre.

Endereço: —Cooperativa Editôra Mundo Livre — Caixa Postal, 1 (Agência da Lapa) — Rio de Janeiro — Guanabara.

riam acompanhantes, desistiu da ideia. Ao invés disso, cedeu entradas a escolas e mais de 20 mil colegas, acompanhados de suas professoras, tiveram a oportunidade de passar algumas horas de felicidade num mundo de encantamentos e fantasias" — (Dos jornais de 14.10 63.).

Como se vê, as crianças pobres não tiveram vez...

Com o título — "Perpetuada no bronze a Amizade do Cão ao Homem" — os jornais do mesmo dia acima citado deram grande destaque à descrição do que foi a inauguração da esttua, com a presença de gente grossa, inclusive o Prefeito e um sacerdote, para proceder à bênção dos cães, que, com os respectivos donos, compareceram a esse ato canino!...

"Pari-passus" com tanta embriaguez de vaidades, vem uma triste notícia propagada exatamente no mesmo dia do encerramento da Semana da Criança e do término do III Salão.

Em Minas Gerais, uma criancinha foi morta pelas metralhadoras, no colo de sua mãe, operária da Usiminas. Chamava-se Ângela. Na terra de Tiradentes, a inocentinha misturou o seu sangue ao dos heróis anônimos, que também tombaram indefesos nesse dia, nas vésperas do Dia da Criança. Mês sangrento, a marcar de luta, mais uma vez, a história dos lutadores, para prometer às crianças — que não têm data marcada — um mínimo de felicidade: para dar aos seus filhinhos um pedaço de pão a mais na mesa e um vestidinho e uns sapatinhos para passearem, de quando em quando, afim de se alegrarem e distraírem.

Morreu a menina Ângela... E há um preceito bíblico: Não matarás!...

oOo

Uma correspondência recebida do Rio, leva-me a encerrar esta crônica com uma referência a nosso estimado Ideal Peres, o menino que conheci, hoje feito homem, tendo escolhido para atividade de sua vida a profissão de médico. Bem escolhida, pois é uma das mais altas e nobres, para servir ao povo sofredor. A essa profissão aliou ele o sacrosanto ideal que desde pequenino trãs esculpido em seu coração, orientando o caminho certo de redenção humana. Muito pode a classe médica para fazer ouvir o seu brado: — Basta de sofrimento! É preciso que as riquezas naturais e humanas sejam de todos os seres — para a glorificação da espécie e tranquilidade de todos.

ISA RUTI

O LIBERTÁRIO

SÃO PAULO — FEVEREIRO-MARÇO DE 1964

ANO III — N.º 27-28

MOVIMENTO OPERÁRIO

O Circulo Vicioso do Salário Mínimo

É interessante como se modificam as concepções econômicas da vida na conjuntura atual da sociedade! Um aumento de 21.000 cruzeiros no salário mínimo, isto é, 100% sobre os mínimos salários que os patrões eram obrigados a pagar durante o ano passado, poderá parecer uma grande conquista dos trabalhadores, que para serem coerentes, deveriam exultar de contentamento e agradecer ao governo por haver conseguido tal promoção!

Entretanto, bem analisadas as coisas, não houve aumento nenhum. Ao contrário, os aumentos de salários constituem, hoje, um alto negócio para os exploradores da miséria do povo. Por isso mesmo é que não fazem qualquer relutância à obrigação do pagamento quando os salários aumentam compulsoriamente, como tem acontecido nos últimos anos. E é por isso mesmo que os trabalhadores recebem com pouco entusiasmo, sinão com amargurada desilusão, o aumento fabuloso de 100% sobre os salários pagos anteriormente.

É que os trabalhadores sabem que esse aumento é logo consumido pela elevação brutal do custo da vida, que, qual Moloch mitológico, parece estar sempre à espreita para engulir a nova presa...

Por essa razão, em vez do euforismo entusiasta que seria de esperar, o trabalhador se limita a dar de ombros e dizer:

— Que adianta o aumento de salário? Temos que pagar duas ou três vezes mais caros os artigos de primeira necessidade! E passa a enumerar uma série de aumentos verificados em todos os artigos de que necessita para sobreviver, chegando-se à conclusão de que, realmente, não adianta nada aumentar os salários deixando aos patrões as possibilidades de aumentarem as mercadorias. Essa é a verdade!

Na corrida aumentista, nunca os salários conseguem alcançar o custo de vida. É um círculo vicioso que se desenrola até o infinito, levando os trabalhadores ao desespero e à fome. Sim, porque não adianta ganhar agora 42.000 cruzeiros, quando precisamos gastar 52.000; como não adiantará ganhar 100.000 se tivermos de gastar 200.000 para atendermos às necessidades mais prementes.

A política de salários está errada, como estão erradas muitas outras coisas neste País de recursos inesgotáveis mal aproveitados.

É verdade que o Presidente da República afirmou, em discurso feito a propósito da assinatura do Decreto que institui o Salário Mínimo, que não permitirá que os exploradores continuem a desenvolver as suas atividades de rapina no sentido de anular o aumento agora proporcionando. Promete ação sumária na intervenção do mercado da carne, do açúcar, do óleo e de

muitos outros artigos indispensáveis à vida dos trabalhadores. Isso, entretanto, ficará apenas na conversa fiada e demagógica do costume, pois os exploradores estão de tal forma organizados que desafiam, como sempre desafiaram, as falaciosas promessas do Sr. João Goulart.

O governo não poderá fazer vingar uma política de concorrência, pondo ao alcance da bolsa do povo os gêneros de que necessita. Ainda que quizesse não o poderia fazer, porque a corrupção está de tal maneira identificada com a vida brasileira que não é possível anular-lhe a ação desmoralizadora cujo desvirtuamento das leis econômicas em nosso País é sobejamente conhecida e divulgada.

Fiscalização, policiamento e outros meios de controle da atual SUNAB, como das anteriores COFAPs e COAPs, são logo anuladas pelos vampiros da economia popular à vista das gordas "gorgetas" com que tubarões seduzem as consciências nem sempre bem pagas desses humildes auxiliares!

Escândalos e mais escândalos têm sido trazidos a público pela imprensa, sem que se tomem providências capazes de evitar os efeitos da corrupção.

Além disso, há outra forma de anular as medidas prometidas pelo governo no sentido de assegurar aos trabalhadores a possibilidade de terem uma vida normal e digna: o contrabando. Todos se lembram de como o Sr. Jânio Quadros tentou lutar contra esse polvo poderosíssimo que é a organização do contrabando em nosso País. Vieram à luz fatos estardalosos em que se ficou sabendo que altas personalidades da política e da magistratura se achavam envolvidos no contrabando, cuja organização conta com os mais vastos recursos para atingir os seus fins. E sabemos também que o contrabando continua a desenvolver as suas atividades, desafiando o governo, rindo-se dos papalvos que acreditam na moralização dos nossos costumes da política dominante.

Através do contrabando, serão as carnes exportadas, como serão exportadas todas as outras coisas que interessarem aos tubarões para lhe encher a bolsa.

Não há, positivamente, solução dentro da atual sociedade em que prevalece a força, a manha, a astúcia e, sobretudo, o dinheiro. As forças da corrupção, avidas cada vez mais de lucros extraordinários, continuarão a lançar as garras sobre o martirizado povo, atirando-se a ele como nuvens de corvos à carnícia. Com salário mínimo ou sem salário mínimo, o povo continuará sofrendo as consequências desse desequilíbrio econômico e social que constitui o aparelho de exploração do homem pelo homem.

SCUZA PASSOS

CONVERSANDO COM OS LEITORES

"O Libertário" conta entre seus ativos leitores o nosso já amigo Rodolfo Coelho Cavalcante, residente em Salvador, na Bahia, agora empenhado nas atividades do Grêmio Brasileiro de Trovadores, entidade de âmbito nacional.

Conjuntamente com essa informação de interesse para o floclorismo, envia-nos a seguinte apreciação sobre a conturbada situação brasileira:

"O povo brasileiro vem ultimamente sofrendo grandes decepções provocadas pelos homens a quem são entregues os destinos da Nação.

Getúlio Vargas, voltando-se para a classe proletária, afirmando-se esperançoso de algo aproveitável a oferecer ao povo brasileiro, tombou ao lado de seus mais íntimos colaboradores, devido às suas facilidades e à falta de austeridade como supremo dirigente do País. Outros o sucederam e deixaram que os inescrupulosos tomassem conta do País, desorganizando-o com as grandes corrupções administrativas. Juscelino, com seu proclamado dinamismo, deixou que a exploração desenfreada tomasse conta da vida pública. Seguiram-se-lhe Jânio, que não correspondeu à confiança daqueles que o elegeram. Depois, assumiu o poder aquele a quem competia por determinação constitucional. Falando em termos políticos, esse apresenta-se como um enigma, não se sabendo realmente o

que pensa nem o que pretende. Diz-se democrata, mas para facultar desmedida liberdade a elementos inescrupulosos que desorganizaram a administração pública, sujeitando o povo a toda sorte de explorações.

O caráter elevado, que deveria servir de guia àqueles que assumem responsabilidades com o povo, tornou-se algo sem valia. Hoje, quem não se entrega ao contrabando, não aplica a "sabedoria" ou a "defesa", não pode viver bem.

Enquanto isso, o povo reclama o seu direito à paz; porém, como pode-

rá consegui-la quando campeia a falta de caráter entre os dominantes, impedindo a influência da consciência purificada pela chama do sentimento de fraternidade? Há, entre os políticos, muitos que se proclamam pacifistas, mas o são apenas em palavras.

Ser pacifista é ter amor à humanidade, é ter, pelo menos, caráter normal".

R. C. Cavalcante

Nota da Redação — de acordo. De fato, é preciso trabalhar-se no sentido de ser conseguida a elevação de consciência da criatura humana. Mas, é preciso também reformar as bases viciosas da sociedade, para se estabelecer normas de convivência que permitam proporcionar paz, liberdade e bem-estar para todos. Não lhe parece?

Editôra Mundo Livre

ANARQUISMO — Roteiro da Libertação Social — Edgard Louenroth	Cr\$ 900,00
A DOUTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS — José Otílica	Cr\$ 500,00
O RETRATO DA DITADURA PORTUGUESA — Edgar Rodrigues	Cr\$ 600,00
FÁTIMA — (História de uma Trapaça Clerical) — Tomas de Fonseca	Cr\$ 1.000,00
O NOVO ISRAEL — Agustin Souchy	Cr\$ 600,00
MARX-PROUDHON E O SOCIALISMO EUROPEU — J. Hempden Jackson	Cr\$ 900,00
SOLUÇÃO ANARQUISTA PARA A QUESTÃO SOCIAL — Errico Malatesta	Cr\$ 100,00
CATALUNHA 1937 — George Orwell	Cr\$ 2.500,00
PREANARQUIA — Randolfo Vella	Cr\$ 100,00
A CONQUISTA DO PAO — Pedro Kropotkin	Cr\$ 350,00
PROVAS DA INEXISTÊNCIA DE DEUS — Sebastien Faure	Cr\$ 500,00
Pedidos com valores para Ideal Peres — Caixa Postal, 1 Agência da Lapa) — Rio de Janeiro — Guanabara.	

Esta Editôra está se organizando em moldes cooperativistas. Integram o seu capital quotas no valor de Cr\$ 25.000,00, podendo participar como quotistas pessoas interessadas na divulgação dos estudos libertários que poderão realizar suas quotas de acordo com as suas possibilidades econômicas, em prestações mensais. Não tem como objetivo o lucro. O resultado das vendas de cada edição será aplicado em edições de novas obras.

Eu não estou para pensar no que dizem os homens nem no que se imprime nos livros. O que eu preciso é formar por mim próprio idéias sobre todas as coisas e procurar perceber todas as questões.

IBSEN

O ANARQUISMO NO RADIO

Entre os veteranos do radialismo de São Paulo há um elemento que se destaca por sua característica maneira de divulgar notícias e veicular reclamações, acompanhadas de comentários e críticas com imparcialidade e desassombro em seus pronunciamentos, prontificando-se prontamente a esclarecer enganos em que, por ventura, venha a incorrer.

Durante muitos anos manteve um programa dessa natureza na Radio Record, passando depois para a Radio Bandeirante, onde, todas as manhãs, mantém um programa identico com o original título de "O Trabuco".

Trata-se de Vicente Leporace, um dos mais conhecidos e considerados no nosso meio radialista e jornalístico.

Foi em seu citado programa que, na irradiação de 12 do corrente, fez uma alusão a anarquista na notícia de um odioso ato de estúpida manifestação de racismo praticado contra uma instituição israelita.

O nosso companheiro Edgard Leuenroth visitou Vicente Leporace no dia imediato, que o acolheu atenciosamente, travando-se entre ambos amigável diálogo a respeito, com o propósito de deixar o caso bem esclarecido, prontificando-se Leporace a orientar devidamente os seus ouvintes sobre o ocorrido.

E o fez, como era de esperar que fosse feito, isto é, com a imparcialidade correspondente à sua responsabilidade de comentarista de problemas de interesse público.

Logo na manhã seguinte, dia 14, noticiando a visita do nosso companheiro Edgard, esclareceu inicialmente o caso, prometendo um pronunciamento mais completo em próxima irradiação. Não tardou no cumprimento dessa promessa, pois, após um dia, em 16 de março, dando, mais uma vez, prova de sua correta atuação em iguais conjunturas, assim se pronunciou, com aquela sua original espontaneidade:

"Então, vamos mudar de assunto. E vamos fazendo comentário a respeito de um assunto que ainda não teve solução pela polícia, qual seja o de um atentado que vitimou a escola israelita, com a explosão de um petardo. O nosso diretor falou em anarquista aludindo ao fato. Ah! isso feriu os brios do jornalista Edgard Leuenroth, uma das figuras mais expressivas do jornalismo profissional de São Paulo, que é reconhecidamente a maior autoridade em arquivos que nós temos no País. E o Edgard Leuenroth é autor de um livro chamado "Anarquismo-Roteiro da Libertação Social". Então, esteve aqui, deu-nos um volume do seu livro e

pediu-nos para que esclarecêssemos pelo "O Trabuco", que anarquista não é nada daquilo que nós imaginávamos. Então, nós dissemos que lá na Franca, divisa de Minas, quando a gente quer definir um cidadão capaz de ser baderneiro, chamam de anarquista. Nós nunca nos aprofundamos nesse assunto.

— Não, é preciso que você diga pelo seu jornal o que é anarquismo e o que é anarquia. — Então, nós vamos dizer: Opinião de Elisée Reclus: "A palavra Anarquia pode horrorizar os que só a consideram no sentido derivado, os que só vêm nela um sinônimo de desordem, de lutas violentas sem fim. Mas temos nós culpa de não a considerarem no sentido primitivo, naquele que honestamente lhe dão todos os dicionários: ausência de governo? Mas não nos desagrada que essa palavra, reivindicada por nós, tenha o condão de suspender por um momento aqueles que se interessam pelo problema social. No reino da fábula, todos os jardins maravilhosos e todos os palácios encantados são guardados por dragões feroces. O dragão que está à entrada do palácio da Anarquia nada tem de terrível: é uma palavra apenas.

Não trataremos, por isso, daqueles que à vista dela se deixam tomar pelo pavor. Podemos estar certos de que lhes falta a liberdade de espírito necessário para estudar a questão em si mesma".

E depois o Edgard conclui: "Os componentes da corrente anti-estatal do socialismo adotaram a designação que expressa o elemento básico de sua concepção social. Anarquia, vocábulo formado por duas palavras gregas: *An* que significa *não*, e *Arque* que significa autoridade. Não governo, não autoridade, portanto, organização social que se rege sem a necessidade da existência de governo, de chefe, de poder, de autoridade, isto é, a sociedade atual substituída pela organização livre de todas as atividades federadas entre si, com a distribuição de atribuições e não de mando.

Bem, se o tempo nos permitisse, nós nos estenderíamos em outras considerações. Mas queremos apenas renovar o pedido de desculpas ao anarquista Edgard Leuenroth e a todos os que professam o anarquismo como roteiro da libertação social e como ideologia. Não houve intenção de "O Trabuco" ferir susceptibilidades. Absolutamente. E agora fica esclarecido também que na Franca, os que me ouviram, não atribuirão mais ao vocábulo anarquista esta função pejorativa. É um idealista. Não é? Estamos conversados".

A Comuna de Paris

A 18 de Março, de 1871, começou em Paris a revolução que deveria passar à história com o nome de A Comuna de Paris. Não poderíamos, no presente número, deixar de lembrar essa data, embora sucintamente, pois a ela nos temos referido quase todos os anos, e fizemos, no número de Fevereiro e Março do ano que passou, uma apreciação histórica sobre o assunto. Vamos, pois, relatar os fatos em forma de calendário.

O povo de Paris, desesperado pelos desastres econômicos e militares do Segundo Império, vendo a França invadida pelos exércitos prussianos, levantou-se em armas, disposto a opor uma muralha de fogo e ferro aos invasores.

A sementeria de idéias efetuada pelos socialistas ácratas e democratas de 1848; a idéia da comuna, fermen-

tada na consciência popular pelas prédicas e ação militante dos homens e mulheres que, como Victor Considerant, Jules Vallés, Luiza Michel, Teófilo Ferré, Flourens, Elisée Reclus e tantos outros, desaparecidos na horrível voragem da repressão, lhe deram seu esforço e a animaram com sua ação, devia ser levada à prática pelo povo de Paris nos três meses que constituiriam a etapa triunfal desta epopeia.

Os próprios prussianos detidos ante Paris em chamas, permaneceram na expectativa, deixando que a França desvanecesse entre um rio de sangue aquele terrível pleito entre um regime odiado e caduco e a esperança de renovação das multidões alimentadas por idéias generosas.

Mas a burguesia francesa, guiada por dois homens sanguinários e cruéis Mac-Mahon e Thiers, servida por uma guarda pretoriana que não secundou a revolução popular, conseguiu por fim vencer, iniciando a mais horrível repressão vista até então, apenas superada pelos crimes de Franco, na Espanha, e por Hitler, na Alemanha.

A Comuna, formosa flor de esperança na alma das multidões, realidade prática de um regime comunal e socialista, de organização de uma nova ordem de coisas, caiu fuzilada e envolta no sangue dos 30.000 comunistas assassinados no campo de Satory e no Pere Lachaise pelos esbirros de Gallifet.

O desgracia da Comuna consistiu em que não foi secundada pelas províncias. Miguel Bakunin, o grande e irrequeto revolucionário russo que estava em toda a parte onde houvesse uma revolução, chegou tarde a Lyon, de onde pôde ainda lançar uma proclamação chamando o povo à insurreição.

"O LIBERTÁRIO"

Diretor:
PIETRO CATALO

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada EXCLUSIVAMENTE para a CAIXA POSTAL, 5739 — São Paulo, em nome do diretor.

Redação e Administração:
Rua Rubino de Oliveira N.º 85
São Paulo

Assinatura Anual, Cr\$ 400,00